

ECA – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

SILVA, Marcelo Otávio da¹
PINTO COELHO, Vânia Maria B. Guimarães

1 Acadêmico do Curso de Direito da faculdade de Direito de Varginha, 6º período.

Resumo: O tema escolhido para o presente artigo científico é o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, abordando especificamente o abuso sexual de menores de 14 anos com o consumo e distribuição de pornografia infantil, bem como levantar as características e diferenças entre um abusador de menores e um pedófilo, traçando um perfil entre os mesmos e discutindo formas eficazes para o tratamento de pessoas com esses transtornos.

Palavras-chave: ECA. Abuso sexual infantil. Pedófilo. Abusador de menores

Abstract: The theme chosen for this scientific article is the ECA - Statute of Children and Adolescents, specifically addressing the sexual abuse of children under the age of 14 with the consumption and distribution of child pornography, as well as raising the characteristics and differences between a child abuser and a pedophile, drawing a profile among them and discussing effective ways to treat people with these disorders.

Keywords: ECA. Child sexual abuse. Pedophile. Child

O ECA – Estatuto da criança e do adolescente, um conjunto de normas de ordenamento jurídico brasileiro que tem como objetivo a proteção integral da criança e do adolescente, aplicando medidas e expedindo encaminhamentos para o juiz. É o marco legal e regulatório dos direitos humanos de crianças e

adolescentes. Este trabalho acadêmico busca tratar sobre o abuso sexual de menores de 14 anos e o consumo e distribuição de pornografia infantil por abusadores de menores e pedófilos.

No decorrer desse trabalho vamos levantar uma questão: Como diferenciar um abusador de menores de um pedófilo?

Acredita-se que a sociedade, bem como, os próprios juristas e pessoas que atuam com esse tipo de situação, possuem uma visão completamente distorcida da pedofilia, tratando todo abusador de crianças como um pedófilo, criando uma visão deturpada do problema.

Este artigo visa traçar um perfil entre os abusadores de menores e pedófilos para definir quais são as suas principais diferenças, bem como discutir formas eficazes para o tratamento de pessoas que apresentam esses transtornos.

Há sempre uma confusão por parte da sociedade em o que realmente seria um abusador de menores e o que vem a ser um pedófilo. Haja vista que nem todo abusador é pedófilo e também nem todo pedófilo pode vir a ser um abusador de menores.

Como se trata de um tema relevante para a sociedade, opta-se por pesquisa bibliográfica onde serão consultados alguns artigos, publicações do segmento jurídico e principalmente documentos eletrônicos disponíveis.

Este trabalho será dividido em dois capítulos, onde iremos tratar de como se diferencia o abusador de menores do pedófilo e qual o tratamento eficaz para pessoas que apresentam tais transtornos.

Dos abusadores de menores e pedófilos

A pedofilia pode ser identificada através do seu conceito clínico, identificando o pedófilo como uma pessoa doente e que precisa de acompanhamento médico. Por outro lado, no sentido mais usual, a referida nomenclatura tem se aplicado para todos os casos que envolvem a relação sexual, direta ou não, entre um adulto e uma criança. As formas de ação do agente pedófilo sob este aspecto são muito flexíveis, podendo ser desde a simples interação por meio de salas de conversação em *sites* na internet até à relação forçada pela violência física, a qual muitas vezes resulta na morte da vítima. Tendo em vista que as vítimas nesses crimes são crianças e adolescentes, e os mesmos, na maior parte das vezes, não possuem capacidade de reagir aos atos dos abusadores, passaram a existir

fortes movimentos no sentido de fortalecer a proteção ao menor. A Convenção sobre os Direitos da Criança veio, então, como um acordo entre nações, de suma importância, com vistas à proteção deste seres-humanos em desenvolvimento. Traçou uma linha de ação que proporcionou a criação, em nível de Brasil, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), marco histórico na legislação nacional em termos de proteção ao menor.

Uma pessoa que pratica um ato sexual com uma criança é, apesar de todas as definições médicas, comumente assumido e descrito como sendo um pedófilo. Porém, existem outras razões que podem levar ao ato (tais como estresse, problemas no casamento, ou a falta de um parceiro adulto), tal como o estupro de pessoas adultas pode ter razões não-sexuais. Por isto, somente o abuso sexual de crianças pode indicar ou não que um abusador é um pedófilo.

A maioria dos abusadores em fato não possuem um interesse sexual voltado primariamente para crianças. Estima-se que apenas entre 2% a 10% das pessoas que praticaram atos de natureza sexual á crianças sejam pedófilos, tais pessoas são chamadas de pedófilos estruturados, fixados ou preferenciais. Abusadores que não atendem aos critérios regulares de diagnóstico da pedofilia são chamados de abusadores oportunos, regressivos ou situacionais. Um estudo de Abel, G. G, Mittleman, M. S, e Becker, J. V observou que existem geralmente claras distinções características entre abusadores oportunistas e pedófilos estruturados.

Abusadores oportunistas tendem a cometer abuso sexual contra crianças em períodos de estresse, possuem poucas vítimas, geralmente, pertencentes à própria família, possuem menos probabilidade de abusar sexualmente de crianças, e possuem preferência sexual para adultos. Abusadores pedófilos, por outro lado, geralmente começam a cometer atos de natureza sexual a crianças em tenra idade, muitas vezes possuem um grande número de menores que são frequentemente extrafamiliares, cometem mais abusos sexuais com crianças, e possuem valores ou crenças que suportam fortemente um estilo de vida voltado ao abuso.

No caso de incesto entre pai e filhos, acredita-se que a maioria dos abusos envolve pais que são abusadores oportunistas, ao invés de pedófilos. A pedofilia

era tolerada ou ignorada em muitas legislações dos países, o que foi sendo paulatinamente modificado com a aprovação sucessiva de tratados internacionais, que culminaram com a aprovação, em 1989 pela ONU, da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança que, em seu artigo 19, expressamente obriga aos estados a adoção de medidas que protejam a infância e adolescência do abuso, ameaça ou lesão à sua integridade sexual.

A pornografia infantil também é considerada crime na grande maioria dos países do mundo. Alguns países possuem leis proibindo o uso da Internet para recrutar menores com a intenção de realizar o ato sexual, virtual ou não. Muitas vezes, o criminoso é uma pessoa próxima à criança, que se aproveita da fragilidade da vítima para satisfazer seus desejos sexuais. Em outros casos, razões não-sexuais podem estar envolvidas. Por isto, o abuso sexual de crianças, por si só, não necessariamente indica que o criminoso é um pedófilo.

Esqueça a idéia de um pedófilo estranho, que fica à espreita em um beco escuro. Conforme dados do 13º Anuário de Segurança Pública, divulgado em setembro de 2019, 76% das crianças vítimas de estupro possuem vínculo com seu agressor. A pesquisa ainda revelou um dramático recorde de registros de estupro: em 2018, foram 66.041 casos notificados pelas delegacias de polícia; 53,8%, contra crianças de até 13 anos. Isso significa que, a cada hora, quatro crianças são estupradas no Brasil. Na maioria dos casos, dentro da própria casa.

Apesar dos números estonteantes, os crimes de violência sexual estão entre os menos notificados à polícia pelas vítimas. “No Brasil, a gente sabe que menos de 8% das vítimas de violência sexual chegam a registrar a ocorrência. E o que leva a isso é uma série de questões: desde medo de retaliações dos agressores, medo de julgamento pelas pessoas, vergonha, e também descrédito nas instituições de justiça e de segurança pública”, explica Carolina Pereira, pesquisadora do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Todas essas violências são marcadas por uma relação de poder de um superior a um mais frágil. Pode-se fazer uso da força física e/ou de artifícios psicológicos – como aliciamento, intimidação e sedução. No caso do abuso, ele costuma ocorrer na maioria das vezes dentro de um ambiente de fácil acesso à criança, onde já há um determinado nível de intimidade entre ela e o agressor. Além disso, a agressão costuma se repetir: 42% das crianças e adolescentes que

sofrem abuso sexual são vítimas recorrentes, conforme dados do Ministério da Saúde divulgados pela Folha de São Paulo.

Em sua origem grega, a palavra pedofilia significa ;amar ou gostar de crianças;, sem nenhum significado patológico. De acordo com estudiosos, o termo pedófilo surge como adjetivo no final do século 19, em referência à atração de adultos por crianças ou à prática efetiva de sexo com meninos ou meninas. Atualmente, o termo é usado de forma corrente para qualquer referência a ato sexual com crianças e adolescentes, desde a fantasia e o desejo enrustidos até a exploração comercial, passando pela pornografia infantil e a realização de programas com crianças e adolescentes. O assédio, a pornografia, o abuso, o programa e a exploração comercial estão tipificados na legislação penal e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O uso comum, no entanto, confunde crime com doença.

Não se pode, por exemplo, fazer uma lei contra a cleptomania (o impulso doentio de roubar), mas a lei prevê punições para roubos e furtos. Da mesma forma, não é possível punir a pedofilia (o desejo), porém a lei estabelece pena para a prática de violência sexual, explica o diretor-presidente da SaferNet Brasil (organização não governamental que desenvolve pesquisas e ações de combate à pornografia infantil na *internet*), Thiago Tavares.

A coordenadora do Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, Leila Paiva, destaca que a pedofilia deve ser vista como uma doença, um problema na área de saúde. ;Não significa que o pedófilo é criminoso.; ;Confunde-se muito o crime de abuso sexual com a pedofilia.

A pedofilia é um diagnóstico clínico, não é um diagnóstico de atos de crimes. O sujeito pode ser um pedófilo e nunca chegar a encostar a mão em uma criança;, detalha a psicóloga Karen Michel Esber. Ex-coordenadora do Programa de Atendimento ao Autor de Violência à Sexualidade de Goiânia, a psicóloga chama a atenção para o risco de confusão no senso comum.

Da mesma forma que é possível que um pedófilo não pratique qualquer abuso sexual, os que efetivamente cometeram abuso sexual podem não se enquadrar no diagnóstico da pedofilia.

Apesar de que no discurso popular, o abuso de crianças e a pedofilia parecem ser a mesma coisa, deve-se diferenciá-los (PAULINO, 2012). A

generalização do termo pedofilia para todos contextos em que adultos abusam de crianças causa uma grande confusão, pois existem pedófilos que nunca abusaram de crianças como muitos abusadores de crianças não são pedófilos.

O abuso de crianças é um assunto muito recorrente em nosso país, porém cabe-se destacar que há uma grande diferença entre abusadores de crianças e pedófilos. Na maioria das vezes também nominamos os abusadores de crianças de pedófilos sem ao menos irmos mais afundo para poder diferenciar o perfil de um e de outro.

Pedófilos são pessoas que tem um desenvolvimento afetivo por parceiros sexuais crianças e não se veem tendo tais relações com adultos, por falta de um desenvolvimento psicosssexual, o que necessariamente não os coloca no rol de abusadores de menores (site mppr.mp.br).

Não podemos confundir os pedófilos com os abusadores de crianças. Apesar de a priori parecer que trata-se de uma mesma pessoa, se olharmos a fundo vamos descobrir que há uma grande diferença entre um e outro (site canal ciências criminais. jusbrasil.com.br).

Os pedófilos são também conhecidos como abusadores primários ou obsessivos que atuam no âmbito extrafamiliar, ou seja, fora de sua família. Não há por parte dessas pessoas um interesse sexual por adultos. Na sua maioria são homens e não carregam consigo nenhuma culpa por seus atos praticados (site canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br).

Enquanto os abusadores sexuais secundários, ao contrário dos primários ou pedófilos, possuem uma conduta sexual com adultos, mas por algum desvio acabam cometendo ato sexual com crianças, prática que ocorre basicamente no meio intrafamiliar, ou seja, dentro da família (site canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br).

9

Do tratamento aos pedófilos

A discussão sobre pedofilia é tabu em boa parte do mundo, mas especialistas lutam para que o diagnóstico e o tratamento do pedófilo sejam mais amplamente divulgados. A razão é simples: o tratamento pode evitar que pedófilos se tornem abusadores e criminosos e, logo, que haja menos vítimas.

Segundo a OMS, os distúrbios parafílicos são caracterizados por padrões

persistentes e intensos de excitação sexual atípica, manifestados por pensamentos sexuais, fantasias, impulsos ou comportamentos, cujo foco envolve outros cuja idade ou status os torna pouco dispostos ou incapazes de consentir e nos quais a pessoa agiu ou pelo qual ele ou ela é marcadamente angustiado.

Não existe cura para as parafilias. Logo, a pedofilia também não tem cura. O que isso significa? Que os pedófilos conviverão com o problema por toda a vida e que por isso é necessário tratamento. Não há como mudar o interesse destas pessoas, mas com a terapia é possível ajudá-los a controlar e não agir a partir de seus impulsos.

O tratamento pode ajudar que não haja novas vítimas e para que aqueles que já cometeram algum crime não voltem a fazê-lo.

O tratamento médico de pedófilos é algo pouco discutido no Brasil, mas com potencial de fazer com que os portadores do transtorno não pratiquem mais crimes, desde o consumo de pornografia infantil até o abuso de crianças e adolescentes.

Há cerca de 30 anos, o médico psiquiatra Danilo Baltieri estuda o transtorno pedofílico. Em 2003, ele fundou o ABSex (Ambulatório de Transtornos da Sexualidade da Faculdade de Medicina do ABC) e já atendeu mais de 2 mil pacientes com esse problema.”

Baltieri afirma que a pedofilia "não tem cura, mas pode ser controlada". Para ele, "o impulso sexual presente em portadores do transtorno pedofílico frequentemente é grande. Entretanto, na grande maioria das vezes não é algo absolutamente incontrolável

No tratamento, é importante a contenção ou a redução da impulsividade sexual anormal. Usamos medicações para conter, mas ela é só uma parte do tratamento. A outra parte é a terapia em grupo, focada nesse tipo de população. Não é qualquer psicoterapia, é terapia comportamental cognitiva de base e terapia de grupo." O psiquiatra compara o transtorno pedofílico ao diabetes. Uma vez portador, vai ser sempre portador. O que varia é a gravidade do problema. Tem pessoas que têm um grau mais leve, outros moderado, grave e até catastróficos, que é quando o indivíduo estupra e mata a criança.

Em se tratando de portadores da parafilia, ora abordada, a prevenção deveria agir como nos demais infratores de outras ações delituosas antes do cometimento da infração, todavia se noutros desvios de condutas há dificuldades,

mais ainda ocorre no caso do pedófilo, mormente em razão do sentimento de horror e de exclusão reinante nas pessoas, acaba o pedófilo vivendo em segredo, deixando de buscar apoio mesmo no âmbito familiar.

O estigma construído pela mídia e a criminalização que envolve os abusadores sexuais criam uma atmosfera que dificulta a prevenção, a procura de auxílio e o tratamento. Buscar e receber terapia envolve uma decisão baseada em limitações e barreiras. Um comportamento sexual compulsivo pode não ser a causa principal de busca de tratamento, e os sintomas não são revelados a não ser que sejam questionados. Os sinais físicos e psicológicos dos comportamentos sexuais compulsivos são frequentemente sutis ou escondidos. Deve ser lembrado ainda que o comportamento hipersexualizado pode ser identificado em pacientes com lesão do lobo frontal, tumores, condições neuropáticas tais como foco epileptogênico no lobo temporal, doença de Huntington e quadros demenciais, além de poder estar presente no transtorno bipolar.

O tratamento medicamentoso envolve a utilização antidepressivos, estabilizadores de humor, antipsicóticos e antiandrógeno. Em uma pesquisa conduzida de 1973 a 1992 e que envolveu 4.381 pedófilos, a terapia cognitivo-comportamental (TCC) mostrou-se como alternativa eficaz de tratamento em 94% dos pedófilos heterossexuais e 84,9 dos pedófilos homossexuais. Desenvolvida por Aaron Beck, na década de 1960, essa terapia reconhece como princípio básico que pensamentos negativos sobre uma determinada situação repercutem negativamente na emoção e no comportamento das pessoas. Assim como os pacientes em acompanhamento, os profissionais de saúde são estimulados a identificarem seus pensamentos distorcidos por emoções em desequilíbrio para que sejam reestruturados, com reflexo positivo no comportamento, no caso cuidar adequadamente de seu doente.

De acordo com a terapia cognitivo-comportamental, o comportamento é o produto final da crença intermediária-se, então, por meio de suposições não saudáveis e saudáveis, com reflexo nas emoções. Logo, a mãe que não denuncia um caso de pedofilia pode basear sua decisão na cognição “Se eu denunciar meu companheiro, então ele ficará mais violento e me abandonará”, para justificar seu comportamento não saudável. Na reestruturação de seu pensamento, ela poderá pensar: “Se ele está abusando de meu filho, então ele não serve como

companheiro e eu preciso pedir ajuda”. Se o profissional de saúde e ou o educador perceber que a criança está inserida em um lar com fatores de risco, então ele deverá perguntar de forma objetiva se algum caso de abuso está ocorrendo e oferecer ajuda. Por outro lado, se o profissional “fechar os olhos” a alguma evidência, então ele estará contribuindo para a perpetuação da situação. Em geral, o pedófilo pensa: “Se eu estou aflito, ansioso, deprimido ou vivenciando uma emoção forte, então a única opção é molestar”. A terapia cognitivo-comportamental pode auxiliá-lo a compreender que sua cognição não é saudável e que ela mantém um comportamento violento e danoso. Ele poderá pensar “Se eu estou enfrentando alguma dificuldade, então o melhor é pedir ajuda e encontrar outras formas de lidar com a situação, as emoções e os impulsos”.

A vítima de abuso pode pensar: “Se eu estou sendo castigado, então eu devo ter feito algo errado”. Cabe a reflexão sobre o papel dos pais, familiares, educadores e profissionais de saúde na prevenção, na identificação precoce e no tratamento da pedo-filia. Melhores resultados podem ser obtidos se os profissionais, os familiares e as pessoas próximas também estiverem atentos às suas formas de pensar, se comportar e sentir em relação ao problema. Compreender o resultado devastador do abuso sexual em idade precoce reforça a necessidade não só da punição para quem o comete, mas da intervenção para evitar novas ações daqueles que já o cometeram e realizar ações que evitem o surgimento de novos abusadores. O objetivo é auxiliar a criança e ou o adolescente a reestruturar seus comportamentos, suas emoções e suas suposições: “Se um adulto está me maltratando, isso é muito feio e me machuca; então eu devo pedir ajuda a um adulto que me trata bem”.

Terapia de longa duração individual ou em grupo é quase sempre necessária e pode ser especialmente útil quando fizer parte de tratamento multimodal que inclua treinamento de habilidades sociais, tratamento de comorbidades com distúrbios físicos e mentais e tratamento medicamentoso.

O tratamento da pedofilia é menos eficaz quando imposto judicialmente, embora muitos abusadores sexuais condenados se beneficiem dos tratamentos, como psicoterapia em grupo mais antiandrógenos.

Alguns pedófilos que se comprometem com o tratamento e o monitoramento podem evitar a atividade pedófila e podem ser reintegrados à

sociedade. Esses resultados são mais prováveis quando nenhum outro transtorno psiquiátrico, especialmente transtornos de personalidade, está presente.

Parte do tratamento de pedófilos tem semelhanças com o de dependentes químicos. Como um viciado em drogas ou álcool, é preciso se manter longe do que desperta o desejo e nunca, em hipótese alguma, permanecer sozinho em um ambiente com uma criança. A família é fundamental nesse controle.

“O principal remédio é monitoramento de comportamento. Não se trata um dependente químico o colocando sozinho numa mesa com fileiras de cocaína, olhando para a droga até se convencer de que não pode usar”, compara o psicólogo Antonio de Pádua Serafim, coordenador do NUFOR (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

Para parte dos pacientes, a masturbação com o pensamento em crianças é uma alternativa para lidar com o desejo sem praticar violência. Os especialistas são contra. Acreditam que a fantasia pode ser o primeiro passo para a prática. “Quando [o pedófilo] experimenta o ato de visualizar uma criança, tem um efeito de recompensa muito grande. Ele vivencia uma situação emocional, ativa áreas cerebrais de memória, de prazer, que têm baixo controle racional”, afirma Serafim.

Não existe cura para a pedofilia e, por este motivo, o tratamento deve ser constante para que ela seja e se mantenha controlada. Deve-se ficar muito bem cristalino que nem todo pedófilo é um criminoso sexual, pois, como já dito, a pedofilia é uma doença e enquanto ela não for exteriorizada não há de se falar em crime e nem em criminoso.

O tratamento do pedófilo é clínico e não criminal. Este último só o é quando a sua patologia é exteriorizada, atestando que o tratamento clínico foi inexistente ou falho. Ademais, há de se informar, por fidelidade ao bom Direito, que dependendo do grau de pedofilia do sujeito, ainda que esta seja exteriorizada e tipificada como crime, poderá ele ficar sem cumprir pena.

Considerações finais

Tratar de pedofilia, bem como o abuso sexual de menores nos remete a muitos questionamentos acerca do caso. Precisamos primeiro identificar o problema, o que nem sempre é fácil, devido ao fato de que tanto os pedófilos

abusadores quanto aos que estão inseridos nos círculos de convívio onde tal ato ocorre na maioria das vezes, até por medo de represálias não relatam o que está realmente acontecendo.

Cabe a nós, enquanto sociedade, entendermos as diferenças entre abusadores de menores e pedófilos, e se detectarmos algum desses desvios, buscarmos imediatamente caminhos que levem a solução desse problema que atinge uma grande parcela das famílias brasileiras. Haja vista a pedofilia não ter cura, o tratamento e o monitoramento continuam sendo o melhor remédio para conter esse mal.

Ademais devemos proteger nossas crianças e adolescentes de tais infratores, e assegurar-lhes os direitos garantidos pelo ECA-Estatuto da Criança e do Adolescente.

Referências

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

<https://professorclebercouto.jusbrasil.com.br/artigos/211483569/pedofilia-no-estato-da-crianca-e-adolescente-art-241-e-e-sua-interpretacao-constitucional>

<https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=Art.+241+do+Estatuto+da+Crian%C3%A7a+e+do+Adolescente+-+Lei+8069%2F90>

<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/03/13/pedofilia-como-o-tratamento-feito-no-brasil-pode-ajudar-a-prevenir-crimes.ghtml>

<https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/a-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-ineficacia-da-pena-aplicada-ao-agressor-sexual-infantil/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_da_Crian%C3%A7a_e_do_Adolescente
<https://crianca.mppr.mp.br/2015/10/12181,37/>

<https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/582411913/pedofilia-abuso-sexual-infantil-e-a-dolorosa-realidade>

<https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/582411913/pedofilia-abuso-sexual-infantil-e-a-dolorosa-realidade?ref=serp>

<https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-59/a-pedofilia-como-tipo-especifico-na-legislacao-penal-brasileira/>

<https://www.douradosagora.com.br/noticias/brasil/pedofilia-um-mal-que-cresce-e-tem-que-ser-combatido>

<https://www.ufrgs.br/humanista/2019/10/17/abuso-infantil-o-pedofilo-dorme-ao-lado/>

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2010/02/05/interna-brasil,171507/entenda->

[as-diferencas-entre-pedofilia-violencia-abuso-e-exploracao-sexual.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2010/02/05/interna-brasil,171507/entenda-as-diferencas-entre-pedofilia-violencia-abuso-e-exploracao-sexual.shtml)

<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/03/13/pedofilia-como-o-tratamento-feito-no-brasil-pode-ajudar-a-prevenir-crimes.ghtml>

<https://noticias.r7.com/saude/pedofilia-nao-tem-cura-mas-tem-controle-afirma-psiquiatra-14102019>

<https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direitos-humanos/pedofilo-tratamento-em-busca-de-dignidade-cidadania-inclusao-e-seguranca/>

<https://rbm.org.br/details/90/pt-BR/pedofilia-doenca-cronica--causa-ou-consequencia--prevencao--identificacao-precoce-e-tratamento-adequado>

<https://www.msmanuals.com/pt/profissional/transtornos-psiquiatricos/sexualidade-disforia-de-gender-e-parafilias/transtorno-pedofilia>

<https://www.tjrr.jus.br/cij/index.php/noticias/726-pedofilo-procura-ajuda>